

Clarice Pereira

Anos depois, encontro com uma gentil senhora, nos corredores do movimentado hospital. É a dona Clarice Pereira, de 67 anos, que vai em direção à ala de quimioterapia.

Acompanhada do filho mais velho, que a empurra na cadeira de rodas, dona Clarice me cumprimenta e, mesmo sem me conhecer, inicia uma conversa. Ela tem câncer no estômago.

A primeira impressão que tenho é de uma senhora confiante e esperançosa, mas, ao mesmo tempo, assustada. Dona Clarice se prepara para um procedimento cirúrgico, que acontecerá nos próximos dias, uma jejunostomia. Por conta disso, me faz algumas perguntas.

Ao fim do nosso breve diálogo, nos despedimos e seguimos caminhos diferentes, mas me prontifico a acompanhá-la em seu tratamento. E como o prometido, passo a visitá-la em seu quarto de UTI, sempre que posso.

Em três meses, dona Clarice enfrentou quatro cirurgias e lutou bravamente contra a morte. Mas na última tentativa, um acidente: uma inflamação no abdômen depois do intestino ter sido perfurado na tentativa da retirada do tumor.

Agora, muito debilitada, dona Clarice, que deu entrada no hospital com 70 kg, tem apenas 25kg. Boa parte dos seus ossos estão aparentes, minha mão fecha por inteiro em seu pulso.

Cansada e abatida, ela não quer mais ficar no hospital e luta para conseguir a alta dos médicos. No fundo, dona Clarice sabe que não irá aguentar outra cirurgia. Sua família também.

Sem ao menos conseguir se levantar da cama ou tomar um banho sozinha, dona Clarice pede aos enfermeiros que me chamem. Ela quer contar que está indo para casa.

Não há mais alternativas para dona Clarice, e ela sabe disso. O desespero toma conta dos filhos, o amor que sentem pela mãe faz com que eles não aceitem a sua decisão. Mas vê-la agonizando dessa maneira é insuportável para eles.

Me despeço de dona Clarice, acreditando que aquele seria nosso último encontro, mas estava enganado. Hoje recebi a ligação de um dos seus filhos, ele quer que eu vá até a sua casa.

Ao chegar à residência, encontro com a família e amigos reunidos, ali está dona Clarice, com semblante de dor, mas sempre muito gentil. Os filhos me chamam de canto e afirmam a decisão: ajude a nossa mãe a morrer.

Mais uma vez a morte me confronta! Acompanhado de um amigo: “Eu fui buscar a medicação e nós dois colocamos no soro. Ficamos aguardando, conversando, porque nós resolvemos que deveríamos estender o mais que pudéssemos o sono, porque a paciente estava muito consciente. E foi feito.”

Dona Clarice sabia que não podia mais ser operada, “mas não sabia que ia receber “M1”. Quem decidiu isso foi a família.”

.

Adeus, dona Clarice!

